

# A DIALÉTICA DO SABER

M.DULCE B. BERGAMIN

Desde que se constituiu como espécie distinta dos demais primatas, seus ascendentes, o *Homo sapiens sapiens* (o duplo distingue-o dos demais "sapiens", como o *neanderthalensis*, por exemplo), tem ido uma história evolutiva que se caracteriza pela busca e pelo desenvolvimento do conhecimento. Isso se explica pelo fato de ser ele, como já afirmara Aristóteles, um "animal racional", isto é, um primata dotado de razão, na verdade o único assim constituído entre os primatas.

Por ser racional o ser humano tem necessidade do conhecimento, que lhe serve de alimento tanto quanto os demais alimentos que sustentam o seu organismo. Necessita do conhecimento para alimentar o espírito, assim como o corpo precisa de proteínas e outras substâncias físico-químicas que lhe garantem a integridade física. É por essa razão que o homem moderno dedica-se à construção da ciência, que se desenvolve acompanhando de certo modo a evolução da espécie. A evolução do pensamento complementa a biológica.

Entretanto, tendo se organizado como parte integrante do sistema cultural que a humanidade preserva como patrimônio, a ciência adquiriu autonomia e passou a determinar seus próprios rumos. Em outras palavras, adquiriu poder perante os demais setores da cultura. Este foi um fato histórico relevante, que trouxe grandes esperanças para cientistas e não-cientistas, mas trouxe também ilusões e enganos, alguns ainda não corrigidos.

Entre esses enganos, pode-se citar aquele que levou à crença de que a ciência podia estabelecer verdades absolutas e eternas. A verdade científica era indiscutível, afirmavam muitos. Nos últimos séculos, julgaram outros que a pré-história da ciência tivesse terminado no século dezessete, e em 1900 os físicos chegaram a acreditar que a sua ciência estivesse quase completa.

Conquistas posteriores a essas datas mostraram os erros de tais crenças. Os próprios físicos, iniciando pesquisas em novas direções, trouxeram a ruína aos antigos dogmas em que tinham até então acreditado. E hoje no final do século vinte, escreve Edgar Morin que a pré-história das ciências ainda não terminou.

Essas aparentes contradições demonstram que a história do saber humano é, como suas outras conquistas, uma construção progressiva. Evolui à medida que estabelece bases sólidas para consolidar os efeitos anteriores, mas precisa estar constantemente revendo seus princípios, reconsiderando-os a partir de avaliações sistemáticas. Atualmente já se generalizou entre os cientistas a convicção de que é sua tarefa elaborar não um saber absoluto, mas apenas teorias que, embora respondam de modo satisfatório às questões formuladas, são refutáveis. Em outros termos, teorias cuja validade possa ser demonstrada através de dados apropriados, mas que serão rejeitadas quando os dados assim exigirem.

Sabe-se hoje que a teoria científica é sempre provisória, e nunca definitiva. Mais cedo ou mais tarde será substituída, dando lugar as teorias mais amplas, precisas ou mais completas. O saber científico indica possibilidades, por isso contém sempre certa dose de incerteza. Esta constitui para o cientista o componente do trabalho que realiza, cabendo-lhe a tarefa de lidar adequadamente com ela.

A correlação ciência/saber/ignorância é outra contradição ainda não inteiramente resolvida. Iludiram-se os cientistas com a crença de que o progresso da ciência teria como consequência a ampliação do saber e a erradicação da ignorância. Entretanto, verifica-se que paralelamente ao progresso dos conhecimentos ocorre o progresso da ignorância. Uma vez que o conhecimento ampliado pelo avanço da ciência não se distribui de modo igualitário no meio social, mas permanece

concentrado entre poucos. como as demais formas de riqueza, a sociedade vem assistindo ao crescimento da ignorância. É cada vez maior, na sociedade contemporânea, o contingente populacional que não tem acesso ao saber científico, vivendo à margem desse processo e dos benefícios que ele oferece à vida humana.

Entretanto, sob o ponto de vista estrito do proceder científico, reconhecer a própria ignorância e a incerteza constitui progresso, como nota o autor citado, Edgar Morin. Ressalta que o próprio conhecimento, longe de eliminar a ignorância, gera desconhecimento e incerteza, e toda solução gera nova questão. Esta é a dialética do saber, que se mescla com a dialética social para sugerir rumos novos à humanidade, em busca de um progresso compartilhado.

A realização de uma atividade científica crescentemente aprimorada constitui, para qualquer povo, oportunidade de desenvolvimento sob todos os pontos de vista. Porém requer, para efetivar-se, a democratização do saber. Esta por sua vez exige a democracia social, que só se concretiza através da educação, bem maior e condição necessária da evolução intelectual do ser humano.

Como a História demonstra, é através da educação que as populações evoluem e conseguem atingir estágios superiores de desenvolvimento. tanto sob o ponto de vista do desempenho coletivo como o individual interior dos grupos nacionais ou de unidades menores, comunitárias por exemplo. O processo educacional, além de elevar o

nível de atuação de indivíduos e grupos no meio social. Possibilita o acesso cada vez mais ampliado à atividade científica, constituindo ainda garantia de qualidade no seu desempenho.